

## REFLEXÕES SOBRE A INDISCIPLINA ESCOLAR

Clovis da Silva Brito<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é propor uma reflexão sobre como os professores compreendem a indisciplina escolar. Para entender tal questão, foi realizada uma pesquisa de cunho teórico junto a alguns trabalhos acadêmicos que discutiram o tema aqui investigado. Na literatura pesquisada, foi identificado que a indisciplina não é um assunto recente e sempre rondou o ambiente educacional. Ela sempre existiu, mas a opressão que o professor exercia sobre os alunos – na “educação de antigamente” –, era maior que a existente na atualidade. Amparado nas pesquisas apresentadas, o presente estudo conclui que os professores investigados compreendem a indisciplina como um problema de comportamento e, como tal, buscam, através de mecanismos de controle, dominar a situação e resolver o problema da indisciplina de maneira imediata. Ao entenderem esse fenômeno apenas pela via comportamental, os professores demonstram não perceber sua complexidade e atuam no imediatismo, desejando soluções rápidas e visualizando que a indisciplina seja trazida somente pelos alunos.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Disciplina; Escola.

**Abstract:** The aim of this article is to propose a reflection about how the teachers understand the school indiscipline. To understand this question it was developed a theoretical research with some scholarly works that discussed the issue here investigated. In the researched literature, it was reported that the indiscipline isn't something new and it has always been around the educational environment. It always existed, but the oppression the teacher exercised on the students – in old education - was greater than that existing at present. Times have changed, society changed, the teachers and students have changed, it is expected that students, nowadays, are participatory and engaged in, not only assimilators of the content imposed by the teacher. In other times the indiscipline was thought as a behavioral question, nowadays, however, it may be related to the dissatisfaction attitudes the students express about an occurred situation in the pedagogical process which happened due to several factors. Among these, we can mention the relationship between student x student, teacher x student, school and student and the dissatisfaction with the developed content. Supported by the presented researches, this study concludes that investigated teachers understand the indiscipline as a behavior problem, as such, they look for, through control mechanisms, to dominate the situation, and solve the indiscipline problem in immediate way. Understanding this phenomenon only through behavioral way, teachers demonstrate not to perceive its complexity and work in the immediate way, desiring fast solutions and visualizing that the indiscipline is only brought by the students.

---

<sup>1</sup> Professor do Colégio Militar de Curitiba  
Mestre em Educação (UTP)  
Especialista em Pedagogia do Esporte (UFPR) e Prescrição de Exercícios Físicos e Saúde (UGF)  
Licenciado em Educação Física (UEL)  
e-mail: crovao\_8@hotmail.com.

## Introdução

O objetivo desse artigo é propor, através de um estudo teórico, uma reflexão sobre como os professores compreendem a indisciplina escolar. Para entender tal questão, foi realizada uma pesquisa de cunho teórico junto a alguns trabalhos acadêmicos que discutiram o tema aqui investigado. Mas o que é indisciplina? Definir indisciplina dentro do contexto escolar é uma tarefa difícil que se constata ao pesquisar o assunto na literatura específica onde pode encontrar diversos conceitos relacionados à indisciplina.

Em minha trajetória profissional, principalmente nos intervalos de recreio vivenciados nas salas dos professores e nas reuniões pedagógicas, escutei, frequentemente, as reclamações de meus colegas a respeito da indisciplina dos alunos. Muitas vezes senti na fala deles certo saudosismo dos tempos de antigamente, nos quais, segundo os colegas mais experientes, a indisciplina ocorria em menor escala ou, até mesmo, não ocorria. Será que realmente não ocorria? Ou os professores do passado não a percebiam como hoje?

Na literatura pesquisada, constatei que a indisciplina escolar não é um assunto recente e sempre rondou o ambiente educacional (AQUINO, 1996, p. 40; GARCIA, 2001, p. 376; ESTRELA, 2002, p. 13; GOTZENS, 2003, p. 13). Aquino (1996, p. 43) mostra que as relações escolares da “educação de antigamente” eram permeadas por medo, coação e até mesmo submissão dos alunos — o que demonstra que essas relações eram determinadas em termos de obediência e subordinação. Nessa “educação de antigamente”, as situações de disciplina eram descritas rigorosamente e, para os atos de indisciplina, as correções eram estimuladas e apoiadas.

A indisciplina sempre existiu, mas a opressão que o professor exercia sobre os alunos – na “educação de antigamente” – era maior que a existente na atualidade, e o aluno que estava sendo formado era diferente do atual. Para aquele momento, o educando submisso e passivo era almejado. Os tempos mudaram, a sociedade mudou, os professores e os alunos mudaram, espera-se que os discentes, na atualidade, sejam participativos e atuantes e não apenas assimiladores dos conteúdos impostos pelo professor.

Segundo a literatura educacional, na atualidade, a indisciplina, ainda que

seja “um dos mais antigos e persistentes fenômenos do cotidiano das escolas, parece estar sofrendo um processo de reinvenção nas últimas décadas”, pois não tem mantido as mesmas características ao longo dos anos e não pode ser considerada um fenômeno estático, uma vez que, contemporaneamente, diferenciase daquela observada em outros tempos (GARCIA, 2001, p. 376). Se em outros tempos a indisciplina escolar era pensada como questão comportamental, atualmente posso entendê-la como relacionada às atitudes de insatisfação que os alunos expressam quanto a uma situação ocorrida no processo pedagógico, ocasionada por diversos fatores. Entre estes, podem-se mencionar as relações aluno x aluno, professor x aluno, aluno x escola, a insatisfação com o conteúdo desenvolvido, etc. Sana e Vergés (2004), explicitam muito bem a questão da indisciplina na atualidade quando relatam que:

Podemos afirmar que a indisciplina de alguns alunos é a maneira pela qual eles conseguem expressar sua não satisfação com alguma coisa; por exemplo: a disposição das carteiras em sala de aula pode influenciar a indisciplina dos alunos, ou mesmo as aulas expositivas, porque somente copiam a matéria em silêncio. (SANA e VERGÉS, 2004, p. 28).

O conceito tradicional de indisciplina — e, segundo Garcia (2001, p. 376), “arcaico”, que faz com que os professores entendam esse fenômeno apenas como um “problema comportamental”, do qual somente os alunos são os culpados — deve ser revisto, estudado e melhor compreendido dentro da escola. Esse tema, para uma grande parcela da *comunidade escolar*<sup>2</sup>, é motivo de preocupação, visto que a ocorrência de problemas classificados como indisciplina causa, como afirma Garcia (1999, p. 101), estresse nas relações interpessoais, principalmente quando associada a situações de conflito em sala de aula.

Para a continuidade deste artigo apresento, na sequência, alguns estudos que investigaram a questão da indisciplina escolar. Em seguida concluo o artigo analisando como os docentes, das pesquisas apresentadas, compreendem a indisciplina escolar.

---

<sup>2</sup> Neste artigo, o termo *comunidade escolar* é utilizado para retratar todos os sujeitos que estão envolvidos com a escola, ou seja, corpo docente, gestores, equipe pedagógica, funcionários, alunos e família.

## Algumas questões teórico-conceituais sobre a indisciplina

Definir indisciplina dentro do contexto escolar é uma tarefa difícil. Esse aspecto foi constatado ao pesquisar o assunto na literatura específica, na qual se encontram diversos conceitos relacionados à indisciplina — questão também observada por Oliveira (2004, p. 11), Alves (2002, p. 15) e Rego (1996, p. 83). A variedade de opiniões é aceitável se a indisciplina escolar for considerada enquanto um fenômeno complexo, dotado de grande magnitude, como é apontado por De La Taille (1996, p. 10) e Garcia (1999, p. 102). A definição desse tema no contexto escolar pode variar de acordo com a situação, com o tipo de aula a ser ministrada e até mesmo com o perfil do professor (LOPES, 2005, p. 46).

A indisciplina, para Alves (2002, p. 5), manifesta-se de diversas formas no cotidiano da escola, porém, a conversa, o deslocamento em sala e a falta de atenção são as manifestações que mais preocupam os professores. Mas será que esses itens constituem realmente indisciplina? Qual será a disciplina esperada pelos professores na atualidade? Será que eles, em pleno século XXI, esperam que seus alunos se comportem de maneira passiva como antigamente?

Carvalho (1996, p. 131) mostra que as idéias de disciplina e indisciplina em contextos diferentes se apresentam radicalmente distintas. Ao pensar na disciplina esperada de uma vida que transcorre em um mosteiro ou em regime militar, observa-se que ambas diferenciam-se fundamentalmente tanto da idéia quanto dos pressupostos que regem a utilização da disciplina na vida escolar. Nos meios militar e eclesiástico, as transgressões aos atos disciplinares podem ser consideradas indisciplina, mas será que caracterizá-la na escola é tão simples assim?

[...] tanto no caso militar como no eclesiástico, falamos de uma disciplina, de um tipo de disciplina que implica um controle sobre o comportamento como um valor, em que a rigidez do hábito invariável centra-se em um único objetivo para cada instituição: ter uma força armada pronta para o conflito ou atingir a beatitude. (CARVALHO, 1996, p. 131).

As vidas eclesiástica e militar pressupõem uma ordem rígida e fixa das

atividades diárias. A subordinação irrestrita e não-crítica aos comandos e procedimentos próprios desse cotidiano é o que garante a própria continuidade da igreja ou até mesmo a vitória em uma guerra. É essa submissão e docilidade<sup>3</sup> que o professor deve esperar dos seus alunos? O objetivo dos militares e da igreja é disciplinar<sup>4</sup> e adestrar<sup>5</sup> as pessoas, compreendendo-se que essas instituições são responsáveis por enformar<sup>6</sup> os indivíduos, preparando-os para exercer as relações do poder e do saber tão presentes na sociedade disciplinar e no Panoptismo Social discutido por Foucault (BRITO, 2007, p. 28).

De La Taille (1996, p. 9) destaca a necessidade de se perceber a complexidade do referido tema, para que os estudos não caiam num reducionismo que explique o fato por uma dimensão apenas, seja ela psicológica: que reduziria o fenômeno a um jogo de mecanicismos mentais isolados de seu contexto; seja sociológica: que desprezaria as variáveis psicológicas e atribuiria a causas gerais todo o comportamento humano.

Para Garcia (2001, p. 376), “devemos conceber a indisciplina como fenômeno de aprendizagem, superando sua conotação de anomalia, ou de problema comportamental a ser neutralizado através de mecanismos de controle”, sobrepujando a idéia de que a indisciplina é uma questão relativa somente ao comportamento. Dessa maneira, o aluno indisciplinado não seria apenas aquele cujas ações rompem com as regras da instituição, mas também aquele que prejudica o seu próprio desenvolvimento cognitivo, moral e atitudinal. Com relação a esse assunto, Garcia (2001) afirma que:

[...] é possível situar a indisciplina no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da

<sup>3</sup> Um *corpo dócil*, segundo Foucault (2004, p. 118), é “aquele que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”.

<sup>4</sup> O termo “disciplinar” aqui utilizado tem como conceito o citado por Foucault, ou seja, um “conjunto das minúsculas invenções técnicas que permitiram fazer crescer a extensão útil das multiplicidades fazendo diminuir os inconvenientes do poder” (FOUCAULT, 2004, p. 181).

<sup>5</sup> Para Foucault, o adestramento é uma das ferramentas utilizadas para disciplinar um corpo. O *adestrar* é uma maneira de preparar as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais, buscando ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo e com um objetivo, fazer a manutenção do poder (FOUCAULT, 2004, p. 143).

<sup>6</sup> Foucault (2004) utiliza a palavra “enformar” no sentido de padronizar atitudes.

sala de aula. Mas também podemos encontrá-la na dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que se exercem dentro da escola. Além disso, é possível pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, a indisciplina se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, que demonstram os estudantes, e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidades apresentadas pela escola. (GARCIA, 2001, p. 376).

Penso que a indisciplina escolar seja um fenômeno muito mais complexo que aquele utilizado no senso comum e concordo com Garcia (1999, p. 104), quando ele diz que a indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Para Garcia, as causas se dividem em dois grandes grupos: as externas à escola e as internas. As causas externas, o autor exemplifica citando a influência exercida pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar. Para as internas, ele menciona o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e a capacidade de eles se adaptarem aos esquemas da escola. “Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina” (GARCIA, 1999, p.104).

Oliveira (2004, p. 9) realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar as atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar. Essa autora desenvolveu um estudo junto a duas professoras das séries finais do Ensino Fundamental (uma lecionava Biologia e a outra, Língua Portuguesa), buscando compreender justamente a complexidade do fenômeno da indisciplina escolar. Segundo Oliveira (2004),

[...] foi possível constatar que o modo como as professoras agem diante das expressões de indisciplina dos alunos (componente comportamental das atitudes), refletem o conhecimento, as crenças e as opiniões (componente cognitivo das atitudes),

das professoras, bem como sentimentos das mesmas relacionados à indisciplina escolar (componente afetivo das atitudes). (OLIVEIRA, 2004, p. 171).

Um aspecto importante, constatado na pesquisa dessa autora foi o componente cognitivo das atitudes das professoras — o que elas pensam e acreditam, portanto —, o qual indica que a indisciplina escolar é vista apenas sob a dimensão comportamental. Isso levou a autora a concluir que o componente cognitivo das pesquisadas desconsidera a concepção de indisciplina enquanto fenômeno de aprendizagem (OLIVEIRA, 2004, p. 171), reduzindo-a ao âmbito do comportamento. Sendo, assim, algumas situações, identificadas pela autora, não foram consideradas indisciplina pelas pesquisadas, ou seja, as professoras consideravam indisciplina escolar apenas os comportamentos dos alunos que, de alguma forma, atrapalhavam o desenvolvimento da aula e, por outro lado, desconsideravam as ações que não desenvolviam potencialidades “cognitivas, atitudinais e morais” (GARCIA, 2001, p. 172).

Outra pesquisa, desenvolvida por Alves (2002), com professores e alunos de uma turma de 5.<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Piracicaba (São Paulo) — cujo objetivo era “investigar se o conteúdo das aulas dos professores, a metodologia por eles utilizada para trabalhar tais conteúdos e os tipos de relações interpessoais presentes em uma sala de aula influenciam os comportamentos indisciplinados” (ALVES, 2002, p. 22) — sugere que a abordagem metodológica dos conteúdos trabalhados de maneira negligente, por não guardarem relação com o cotidiano dos alunos nas diversas matérias do currículo, podem provocar a falta de interesse, um dos principais fatores que levam à indisciplina. Também a falta de adequação da metodologia a esses conteúdos pode gerar, segundo a pesquisadora, comportamentos indisciplinados.

Alves (2002) defendeu a idéia de que a indisciplina é um fenômeno complexo, sendo constituído por diversos fatores sociais, educacionais e familiares. Também observou que os professores geralmente alegam que a indisciplina em suas aulas é fruto de problemas externos, provenientes da família, de influências da televisão, da sociedade e da mídia como um todo.

Dessa forma, os docentes se excluem de qualquer responsabilidade, evadindo-se do problema e transferindo a solução para outros órgãos.

Dos sete professores estudados, apenas uma, a professora de Ciências, preocupava-se em contextualizar o conteúdo, aproximando o assunto do cotidiano dos alunos, enquanto os demais estavam apenas preocupados em transmitir o conteúdo previsto nos planejamentos, estavam indiferentes à sua contextualização. Mas todos esperavam que os alunos fossem submissos, forçando essa situação e causando neles, por consequência, a revolta. Os professores desse estudo buscavam por meio de suas metodologias enformar os alunos, tentavam normalizar suas estratégias, buscando docilizá-los. Além disso, no momento em que os educandos manifestavam comportamentos contrários ao esperado, recebiam o rótulo de indisciplinados.

Alves (2002) concluiu que a indisciplina dos alunos, em sala de aula, está ligada diretamente a uma sucessão de fatos associados à ineficiência da prática pedagógica. São elementos geradores da indisciplina: propostas curriculares problemáticas e metodologias que subestimam a capacidade dos alunos — seja por apresentarem assuntos muito fáceis, seja por serem de pouco interesse —, cobrança em demasia da postura sentada, inadequação do tempo para a realização de atividades, organização rigorosa do espaço em sala de aula, centralização em excesso na figura do professor, pouco incentivo à autonomia e às interações entre os alunos e uso freqüente de sanções e ameaças visando ao silêncio da classe.

### **Considerações Finais**

Amparado nas pesquisas apresentadas neste artigo posso concluir que os autores consultados sugerem que os professores investigados compreendem a indisciplina escolar como um problema de comportamento e, como tal, buscam, através de mecanismos de controle, dominar a situação e resolver o problema da indisciplina de maneira imediata. Ao entenderem esse fenômeno apenas pela via comportamental, os professores demonstram não perceber sua complexidade e atuam no imediatismo, desejando soluções rápidas e visualizando que a indisciplina seja trazida somente pelos alunos. Assim, concordo com Garcia (2001) quando afirma que:



[...] o que se verifica nas escolas é comumente a hegemonia de uma cultura intervencionista, a ponto de serem considerados “práticos” apenas os procedimentos a serem efetivados uma vez que algum problema tenha surgido. Assim, infelizmente, a sugestão de que os professores aperfeiçoem seus planejamentos pedagógicos e que passem a considerar com mais atenção as questões de motivação em sala de aula, como estratégias para reduzir a indisciplina, são tomadas como de pouca ou nenhuma utilidade prática (GARCIA, 2001, p. 377).

Alves (2002) e Oliveira (2004) também sugerem que a indisciplina ocorre pela forma como os professores estudados abordavam os conteúdos a serem ministrados. Com base no estudo desses autores, entendo que os alunos rotulados como indisciplinados são os que demonstram uma insatisfação com as metodologias desenvolvidas, pois elas se afastam de seus cotidianos. Assim, eles manifestavam sua insatisfação resistindo à normalização, ao controle e à docilização que os professores esperavam, bem como transgrediam as normas disciplinares que os docentes almejavam.

O estudo de Alves (2002) também demonstra como os professores pesquisados esperavam que a escola, enquanto instituição de seqüestro (FOUCAULT, 1996, p. 114), estivesse planejada para que os alunos fossem iguais, pois quanto mais iguais, mais fáceis seriam de dirigir e controlar. Para isso, os docentes buscavam utilizar mecanismos disciplinares, ou seja, atividades que esquadriavam o tempo, o movimento, os gestos e as atitudes dos alunos, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade.

Procurei com este artigo apresentar alguns posicionamentos e instigar algumas reflexões sobre indisciplina escolar. Penso que a indisciplina também deva ser olhada pelos docentes não somente de maneira negativa mas também de uma maneira positiva – aquela que ela passa a ser aliada da prática pedagógica. Ao deixarmos de analisar a indisciplina somente como um problema podemos torná-la produtiva. Sendo assim, a indisciplina e pratica pedagógica podem ser pensadas conjuntamente como oportunidade de revisão, de reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. M. S. D. (In) disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

BRITO, C. S. A indisciplina na Educação Física escolar. 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2007.

CARVALHO, J. S. F. Os sentidos da (in) disciplina: regras e métodos como práticas sociais. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 129-138.

DE LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

ESTRELA, M. T. Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula. 4. ed. Portugal: Porto, 2002.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARCIA, J. A gestão da indisciplina na escola. In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF. 11, Lisboa. Atas. Lisboa: Estrela e Ferreira. 2001. p. 375-381.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GOTZENS, C. A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto alegre: Artmed, 2003.

LOPES, A. Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. Nova Escola, São Paulo, n. 183, p.45-49, jun./jul. 2005.

OLIVEIRA, R. L. G. As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2004.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostiana. In AQUINO, J. G. (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

SANA, M. A.; VERGÉS, M. R. M. Limites e indisciplina na educação infantil. Campinas: Átomo, 2004.